

CORINO ANDRADE

Entrevistado por Maria Augusta Silva

JUNHO 1993

«A ciência é feita de correlações»

— di-lo Corino Andrade, pioneiro da investigação da doença dos pezinhos. Nesta entrevista coloca um ponto de interrogação no futuro da humanidade e sublinha não ser por acaso que uma das primeiras afirmações da criança é um «não».

Estudou mais de uma centena de cérebros. Diz que todo o homem é feito de diferenças. Corino Andrade, um dos nomes marcantes das neurociências portuguesas.

O futuro do homem é um ponto de interrogação para Corino Andrade, mestre das neurociências em Portugal, para quem toda a ciência é feita de correlações. São 87 anos de memórias e de uma arguta atenção ao presente e ao futuro. Estudou mais de uma centena de cérebros e acredita em Shakespeare quando afirma: «Há mais coisas no céu e na terra do que se julga.» Acrescenta: «perfeito, nem Deus, que consentiu o Diabo».

Que mais o fascinou no estudo do cérebro do homem?

A importância do cérebro na entidade biológica do homem e nas suas relações com o mundo; a capacidade de interpretar e avaliar alguns fenómenos e daí tirar conclusões, algumas delas com valor prático útil.

Por que têm as pessoas comportamentos tão diferenciados?

Porque a existência manifesta-se por diferenças. A igualdade no espaço e no tempo corresponderia à não existência. Existir é ser diferenciado por natureza. Essa diferenciação adquiriu graus ao longo da evolução e tomou um aspeto muito particular no homem.

Continua a ser complexo o estudo do cérebro humano?

Tudo é feito à base de correlações, mesmo com as tecnologias mais avançadas. Essas correlações dão-nos a ideia da diferenciação do cérebro; o exemplo da autonomia e da subordinação. Tudo lá está expresso.

E o espírito onde fica?

Ninguém sabe ao certo. A correlação entre a expressão psicológica e a anatómica e funcional e, agora, a neuroquímica, é um fosso; não sabemos como se produz a linguagem. Fazem-se paralelismos e tentativas de encontrar uma nova visão das coisas.

As novas tecnologias fascinam-no?

Com certeza. Em todo o caso, não me deixam boquiaberto. Desde sempre, as técnicas evoluíram com vantagens e riscos, com recuos e avanços. A ciência é isso mesmo. Mutações em tudo e a cada passo.

Como vê a nova geração de cientistas?

É uma geração que promete coisas novas, correlacionando o que já se conhece com outras descobertas. A partir daí, terá de encontrar uma interpretação adequada ao modelo de adaptação que possa ser útil para o futuro.

As respostas ao futuro não são fáceis...

Pois não. À medida que se avança na intimidade das coisas, os fatores e as circunstâncias são tão variados e tão ricos que, correlacionar isso tudo para dar a explicação de um fenómeno, à primeira vista é encantador e esperávamos uma resposta fácil, mas, pelo contrário, torna-se cada vez mais difícil. A evolução da

tecnologia é tão rápida e os exames tão diversos que essa correlação é muito complicada.

Os fatores exteriores à anatomia adensam essa complexidade?

Óbvio. O jogo do xadrez dá bem uma imagem dessa complexidade. O valor de uma peça depende da função em relação às outras; pode ser positivo ou negativo, e ainda tem de contar-se com o que se passa na cabeça do jogador. É de uma grande complexidade definir o valor de uma peça num determinado momento.

Sabe-se quanto vale um xeque-mate...

É um dos momentos em que se pode definir o valor das peças, mas noutras fases é difícil. Não se consegue estabelecer uma correlação determinista. Do meu ponto de vista, a nossa capacidade de análise e de síntese não permite uma determinação. A evolução do homem é indeterminável; aproximamo-nos do conhecimento das coisas em modelos reduzidos de análise.

Acredita que algum computador ganhe ao cérebro humano?

Julgo que o pode vencer em alguns níveis mas não em todas as circunstâncias.

Nenhum computador tem emoção...

A emoção não nos orienta muito. Domina-nos.

Mas diferencia-nos e confere-nos grandeza...

Isso é outra história. Mas a emoção não nos dá liberdade.

A liberdade não reside no cérebro?

Vive num todo. O cérebro também vive do resto. Recebe uma série de estímulos. É a parte integrada do todo. Por isso é que nós somos uma pessoa, com cérebro, hormonas, músculos, que devem funcionar como um *ballet*, harmoniosamente.

Dissecou muitas patologias. As novas tecnologias destronaram por completo a autópsia?

Estudei cento e tal cérebros, em Estrasburgo. Fiz muita anatomia patológica, muitas autópsias. Eram as próprias famílias a solicitar a autópsia, não a combatiam. As coisas modificaram-se um pouco. Na América, por exemplo, as autópsias baixaram dez por cento.

Por haver outros meios de investigação?

É um dos fatores. As pessoas estão mais viradas para a biologia molecular, para a neuroquímica. É um conjunto de razões. Mas a raridade das autópsias não favorece a investigação anátomo-fisiológica nem a correlação entre a anatomia, a fisiologia e a psicopatologia. As estruturas básicas têm de estar sempre presentes, são a esteira dos conhecimentos.

Que área da investigação fascinou mais o pioneiro do estudo da «doença dos pezinhos»?

Peguei nesse estudo aqui no Porto. Em Estrasburgo dediquei-me muito às correlações cerebrais, à neuroanatomia. Já ofereci bastante material que poderá ser útil, nomeadamente no âmbito da anatomia das meninges.

E da neurocirurgia, que lembranças tem?

Fui «empurrado» para a neurocirurgia um pouco pelas circunstâncias, quando vim para o Porto, porque a investigação das meninges exigia muitos laboratórios. Todas as sextas-feiras ia a Lisboa trabalhar com Almeida Lima e passei a colaborar com os cirurgiões gerais, no Hospital de Santo António. Recordo a primeira operação que se fez ali para remoção parcial de um tumor do ponto do ângulo cerebeloso.

Uma zona de abordagem difícil e mais o terá sido há tantos anos... Foi um êxito?

Tivemos de fabricar uma cadeira de madeira e conceber uma iluminação muito particular. Essa neurocirurgia foi realizada por mim e pelo professor Magano. Não conseguimos salvar o doente, mas a vida é isso mesmo: insucessos e êxitos. E não deixei de estimular muita gente para a neurocirurgia, especialistas que se afirmaram com todo o mérito.

Êxitos e insucessos. A vida. O homem caminha no sentido de se melhorar a si próprio?

Penso que o homem quer melhorar-se. Tem o objetivo da felicidade. Mas anda às apalpadelas. Umhas vezes bate com a cabeça, outras tem a impressão de que está a atingir os seus objetivos e depois volta atrás. A história mostra-nos isso. Se fizermos uma análise da violência que grassa pelo mundo, deitamos as mãos à cabeça. Veja a quantidade de gente que se está a matar, com armas fabricadas e vendidas por grandes empresas. Gente segregada, torturada. Gente que morre à fome.

Vamos de mal a pior? Onde iremos parar?

Não se sabe. A minha teoria é que a evolução da sociedade humana é indeterminada. Não sabemos para onde vamos, nem porquê, nem quem nos encaminha. Os crentes dizem saber e eu respeito-os. Mas os que não são crentes estão um pouco atrapalhados.

E donde viemos? Seremos apenas a seleção natural defendida por Darwin?

A seleção natural é um fator muito importante. Se a evolução tudo deve a ela, não sei. A explicação de um acontecimento complexo através de um só fenómeno parece-me necessária mas ilusória. Devemos ter a modéstia de considerar que essa escolha de fatores é muito arbitrária. Dizia Shakespeare que há mais coisas no céu e na terra do que se julga. E eu acredito.

Homem, o eterno desconhecido?

Há um ditado que diz que «o homem é um bago de água pequenino que tem a voz na onda do destino». E perguntaremos sempre: mas que destino, que voz?

A razão é o quê?

É o ego a afirmar-se. O ego vive de várias maneiras. Estamos aqui a conversar, vivemos este momento. Cada sujeito é um ego que tem de se afirmar e defender. Não é por acaso que uma das primeiras palavras com que a criança se afirma é

«não».

Também diz «sim»...

Está tudo condensado no «não». Ao longo do tempo é que se vai diferenciando o «não» e o «sim». Sucede em todas as civilizações e culturas. Não é um fenómeno cultural, é biológico, humano.

Quando é que o «ego adulto» se afirma na diferença entre o «não» e o «sim»?

O homem é ao mesmo tempo um produto da coletividade. Se não fosse em sociedade, não tínhamos adquirido a linguagem e não falávamos. Somos ego e também produto da coletividade em que nos inserimos. Daí surge um conflito entre o *ser indivíduo* e o *ser coletivo*, que toma expressões diversas ao longo da história da evolução.

O homem de hoje é mais violento?

As consequências da violência é que são mais graves, porque a tecnologia é muito mais agressiva.

A agressividade é intrínseca...

É verdade. Basta vermos que a primeira manifestação da criança é destruir. Atira com tudo ao chão e depois ri-se. No fundo, a destruição e a criação estão intrinsecamente ligadas, levando-nos a outro problema: o ser e o não ser. *That is the question.*

O paraíso é exemplo do «ser» e «não ser»?

Exato. No paraíso está expressa toda a felicidade, e, quando menos se espera, surge o Diabo, que tem a arte de tentar Adão e Eva. Arranja um rebuliço e lá se vai o paraíso no mesmo instante em que se estava a criar a felicidade do homem nesse paraíso. Cada coisa contém em si o bem e o mal.

Como alcançar, então, a felicidade nessa permanente contradição?

O homem acredita que vence a contradição. É daí que vem a ideia de progresso. O homem está convencido que progride.

E não progride?

Não o nego, mas precisamos definir o que é progresso. Não sei se o homem do tempo da pedra lascada, que não tinha eletricidade e se defendia com o machado, era menos civilizado do que o homem que tem agora a consciência de que faz armas que matam milhões de pessoas. Não sou capaz de responder a esta questão.

Um grande ponto de interrogação quanto ao futuro do homem?

Ponto de interrogação, porque é indeterminado.

Como olha para a juventude deste fim de século? [1993]

Com inquietação. Partiram-se muitas bússolas. E penso que dentro de dez ou quinze anos haverá uma nova grande crise do sistema industrial. Ninguém sabe é como irá ser.

Visão pessimista?

Otimista não é...

Não acredita em génios?

Há indivíduos que saem da média em certas atividades mentais, mas não significa que uma pessoa seja genial em tudo. Mozart é o exemplo de um génio e não génio. Foi um génio na música mas complicado noutros comportamentos. Conheci uma pessoa, não direi que fosse um génio, mas foi um homem multifacetado, de capacidades espantosas, mas tinha igualmente as suas ingenuidades: Abel Salazar.

Nenhum homem é perfeito...

Nem Deus, que consentiu o Diabo.

Crê em Deus?

Não.

E no Diabo?

Também não. Para mim, são símbolos criados pelas vivências do homem e pelas suas necessidades. A teoria da criação do mundo a partir do Big Bang é, a meu ver, tão válida como outra.

Estará o nosso cérebro aproveitado em todas as suas potencialidades?

São possíveis tantas e tão diversas correlações, que talvez fiquemos aquém dessas potencialidades.

O pensamento pode destronar a velocidade da luz?

Uma é quantificada, a da luz. A do pensamento, não.

TAMBÉM NESTE SÍTIO
PRESENÇA DE CORINO ANDRADE
NO ESPAÇO 'REGISTOS'

LER

http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html